
• LITERATURA BRASILEIRA V

Coordenador(a): *Ana Cláudia e Silva Fidelis*

COMPÊNDIOS, MEANDROS, PREÂMBULOS E C&A.

Carlos Augusto de Melo (UNICAMP)

Nessa comunicação, propõe-se focalizar, mais de perto, as composições de crítica literária de Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, espírito afamado em seu tempo, na tentativa de averiguar qual foi o caminho percorrido, por ele, ao abordar o fenômeno literário nacional desde de que se dedicou aos estudos literários, o que possibilitará, assim, a verificação de como se resume grande parte dos trabalhos de crítica literária romântica. De maneira geral, a abordagem crítica de Fernandes Pinheiro concentra-se, nesta fase do alvorecer crítico, na busca essencialmente de difusão e diferenciação literária, movida interiormente pelo sentimento de auto-afirmação nacional, compreendendo trabalhos, em sua grande maioria, enquadrados no grupo dos compêndios, meandros, resumos, assim como, também, nos de introduções, preâmbulos, pareceres a livros de escritores nacionais, incluindo, aqui, também, os resultados de seu exercício jornalístico em periódicos como Guanabara e a Revista Popular.

CRIAÇÃO LITERÁRIA EM CONTEXTO AUTORITÁRIO: LEITURA DE RUBRICA

Arnaldo Franco Junior (UNESP)

Nesta comunicação, vamos analisar o conto “rubrica”, de Caio Fernando Abreu, sob o prisma da articulação crítica entre dois eixos de produção literária que polarizaram o debate sobre a função da arte e da literatura no Brasil dos anos 60-70. Publicado em 1977, no livro Pedras de Calcutá, “rubrica” aborda o problema da criação artística no contexto autoritário, marcado pela repressão política e pela violência da censura impostas ao país pela ditadura militar a partir do golpe de estado de 1964. Por efeito da contraposição de elementos que remetem ao projeto de literatura-verdade característico do romance-reportagem e à experiência existencial afeita à literatura “intimista”, o conto, num plano metalingüístico, discute e problematiza tais polarizações para refletir sobre o lugar e o papel do escritor e da literatura num contexto político adverso.

LINHAS FARPADAS - A POESIA INQUIETA DE AFONSO HENRIQUES NETO

Andréa Catrópa da Silva (USP)

A leitura criteriosa de qualquer um dos nove livros publicados - entre a década de 70 e o início do século XXI - por Afonso Henriques Neto leva à percepção de quão heterogênea é sua poética. Em sua obra, a diversidade temático-estilística é enriquecida pelas experimentações do autor com a distribuição das palavras no papel, aproximando-se daquilo a que Marjorie Perloff chama de construções não-lineares ou pós-lineares. Estas se caracterizam por atrair o olhar do leitor para que seu aspecto formal compartilhe com o léxico o status de elemento decisivo no estabelecimento do valor semântico do poema.

No entanto, não é apenas quanto à forma que o autor adota uma postura aberta à experimentação. Em seus livros, são constantes as oscilações entre a linguagem depurada -que se avizinha do sublime - e o estilo coloquial - que privilegia as palavras extraídas do cotidiano.

Precisamente dessas tensões é que emerge a singularidade e a força da poética de farpas praticada por Afonso Henriques Neto. Se esta não encontrava interlocução exata em meio ao universo dos “poetas marginais” - dos quais se aproximou no início de sua vida literária - tampouco se encaixa bem na economia e no bom senso com que alguns poetas contemporâneos parecem medir suas palavras. Assim, ao trilhar um caminho independente e carregando como bagagem literária seus laços biográficos (Henriques Neto dá continuidade à “linhagem de literatos” que inclui Bernardo Guimarães e Alphonsus de Guimaraens, entre outros), o poeta tem a autonomia daquele que um pouco por direito - visto sua ascendência - e um pouco por teimosia - visto o tímido espaço que a poesia ocupa na atualidade - busca questionar e revitalizar o próprio ofício.

LIVROS DIDÁTICOS NO ENSINO MÉDIO: UMA LEITURA DO NOSSO CÂNONE LITERÁRIO

Ana Cláudia e Silva Fidelis (UNICAMP)

Nos estudos literários, a formação de um cânone, ou seja, de um conjunto de obras representativas de uma identidade nacional e de uma literatura nacional sempre esteve presente em maior ou menor grau. Ao discutir a prática escolar e, principalmente, a forma como a leitura literária tem sido tratada nos últimos anos no ambiente escolar, é preciso ter em vista qual a representação canônica que circula nesse ambiente e qual a imagem de literário e de autor/obra canônicos que perpassa o discurso escolar. Sem dúvida, esse discurso reforça o caráter canônico de determinados autores. Dessa forma, o presente trabalho pretende refletir sobre esse discurso escolar acerca do cânone literário, a partir da análise de uma coleção de livros didáticos (Língua, Literatura e Redação de José de Nicola), utilizados por professores do Ensino médio, resgatando quais autores e obras merecem ou não destaque nesses manuais.

O AMANUENSE BELMIRO: UM CAMINHO ALTERNATIVO

Keila Mara Sant Ana Málaque (UNESP)

Pela leitura, seja de historiadores da literatura brasileira, seja de críticos que se manifestaram sobre O Amanuense Belmiro, patenteia-se certa dificuldade no que se refere à filiação dessa obra em alguma tendência, linha ou tradição literária, vindo à baila expressões como: romance estético, literatura psicológica, de costumes, Machado de Assis, Proust, etc. Alguns estudiosos reconheceram a tarefa arriscada e complexa que é classificar um livro quando foge aos modelos usuais do tempo, e ficaram na expectativa de uma nova obra para melhor situar seu autor. Vieram as outras obras - Abdias, Montanha, Memórias do Sobrado - e O Amanuense acabou por cristalizar-se como “romance intimista”. O objetivo do presente trabalho, longe de efetuar uma polarização em sentido contrário, é pensar até que ponto essa tendência à visão unilateral não privou a obra - por décadas a fio - de uma outra ordem de questionamentos. A leitura de documentos paralelos ao romance (cartas e crônicas) apontam para o fato de que o escritor mineiro não era, absolutamente, alienado dos problemas de sua época. De igual modo, é possível visualizar nesse livro aspectos que o aproximam da literatura social/engajada da década de 30. Com O Amanuense Belmiro, Cyro dos Anjos aponta para uma outra alternativa de posicionamento do intelectual frente às questões de seu tempo que não passa, necessariamente, pelos atributos da alienação e do escapismo.

RENATO RUSSO E OS ESTUDOS CULTURAIS: UMA LEITURA DE PERFEIÇÃO

Paulo Nogueira de Souza Junior, Wagner Corsino Enedino (UNESP)

Ancorando-se nas contribuições de Lagazzi (1988), sobre o modo como se organiza a questão do poder nos sujeitos enunciadores, nas observações de Escosteguy (2000), sobre como se articulam os mecanismos dos Estudos Culturais e suas relações com elementos que rediscutem e

questionam a questão do cânone literário, e nos estudos desenvolvidos por Jameson (1997), sobre as estreitas relações pós-modernas com o espírito consumidor, este estudo tem como objetivo analisar a letra da canção Perfeição, de Renato Russo, enfatizando o entrelaçamento entre projeto literário e projeto político. Baseado em pesquisa bibliográfica, o trabalho traz uma síntese histórica do desenvolvimento dos Estudos Culturais, bem como o autor e sua projeção na música brasileira e internacional. As condições sociais e políticas em que a canção foi concebida e produzida, assim como os elementos que regem a pós-modernidade são fatores relevantes para a configuração de efeito de sentido em Perfeição. Constata-se que o poder, na sua forma de coerção, de que decorre a exploração dos grupos e indivíduos socialmente excluídos, subjaz como temática fundamental da obra, que insinua uma crítica à ordem estabelecida. (Palavras-chave: Renato Russo; Perfeição; poder; Estudos Culturais; Pós-modernismo).